

Uso e Ocupação do Litoral sul da Paraíba: O Caso de Jacarapé¹

Elvis de A. Jácome
Amanda Christinne N. Marques
(estudantes de graduação, estagiários voluntários do LOGEPA - Laboratório de Geografia da Paraíba-
UFPb / voluntários PROLICEN-UFPB)
Maria Margarida Magalhães Guimarães
(Professora Msc colaboradora - UEPB/ magalhaesmaria@ig.com.br)
Lígia Maria Tavares da Silva
(Professora Msc orientadora - LOGEPA, UFPB/ ligiatavares@uol.com.br)

Introdução

O Litoral Sul paraibano possui uma paisagem diversificada, chegando a ser desabitado em alguns pontos. A especulação imobiliária, a construção civil e a atividade turística são, em geral, as forças responsáveis pela sua ocupação, cuja intensificação, após a construção da rodovia PB-008, foi o motivo que nos levou a optar pelo estudo dessa área.

Do ponto de vista paisagístico, destacam-se ao longo da costa, no Litoral Sul, as falésias, os estuários, as dunas, as planícies e os tabuleiros, incluindo os Municípios de João Pessoa, Gramame, Conde e Pitimbu onde se localizam as praias da Penha, Jacarapé, do Sol, Gramame, Carapibús, Tabatinga, Coqueirinho, Tambaba, Praia Bela, Abiaí, Pitimbu e Acaú.

Iniciamos a nossa pesquisa na Praia de Jacarapé, situada no extremo sul do Município de João Pessoa, onde imigrantes pobres do centro urbano, em busca de alternativas de sobrevivência, passaram a construir barracas e/ou residências fixas, após a chegada da rodovia PB-008.

Sobre o conceito de paisagem

Partimos do conceito de paisagem, por considerarmos apropriado para abarcar o estudo da relação entre a sociedade e a natureza, já que nos remete a uma idéia de totalidade espacial, sem perder de vista que é o sujeito pesquisador quem dá aos elementos da paisagem os significados (Holzer, 1993).

¹ SILVA, L. M. T. ; GUIMARAES ; JACOME ; MARQUES., A. C. N. . Uso e Ocupação do Litoral sul da Paraíba. Cadernos do LOGEPA. Série Texto Didático (UFPB), v. 2, p. 35-44, 2003.

Sabemos que o estudo da paisagem ressurgiu, recentemente, no bojo da Geografia Cultural e que desperta uma série de polêmicas, sobretudo no que diz respeito aos limites do alcance da abordagem metodológica, centrada na análise visual, seja a partir da observação direta (no campo) ou indireta (uso de imagens). Sendo assim, considerações são necessárias no sentido de esclarecer alguns pontos dessa polêmica. As críticas aos estudos da paisagem dizem respeito à incapacidade da informação baseada na leitura visual explicar a realidade, já que as forças que operam na formação e transformação daquela paisagem, não estão explícitas na leitura visual, e que essa abordagem, só faria sentido num mundo rural, pré-moderno e não corporativo (Groth, 1997). No mais, sendo toda visão subjetiva, e por fim, toda interpretação pessoal, como se pode explicar o que se vê?

Na publicação intitulada *Subsídios para a organização da prática pedagógica nas escolas* (Secretaria de Educação e Esportes, Recife:1997), o conceito de paisagem é recuperado e remete as seguintes definições e reflexões:

“Se o espaço geográfico é concreto, ele vai apresentar uma aparência, uma manifestação física da dinâmica social que o constituiu - a paisagem, sendo esta última, portanto, a expressão concreta, visível do espaço, ou seja, a forma como o espaço está estruturado num determinado momento histórico” (pág. 16).

A paisagem engloba também o conceito de lugar, de sítio, de ocorrência única no mundo, presente na superfície, e que inclui o extrato geográfico, ou seja, o quadro natural, a ecologia, a economia, o espaço histórico e a apropriação da natureza pela sociedade que, por sua vez, resulta em distribuição e consumo da riqueza. *“Deste modo, a paisagem é não só um lugar de valores, mas também, de desigualdades”*. (supra citado: p.17)

Do ponto de vista metodológico, ao optar pelo conceito de paisagem, priorizamos as informações visuais, com ênfase em trabalhos de campo e em arquivos visuais, como imagens e mapas, o que não significa dar uma importância menor à pesquisa bibliográfica (Hay: 2002). Por outro lado, em se tratando de um conceito cuja natureza é interdisciplinar, a orientação metodológica varia de acordo com a leitura da realidade feita pelos pesquisadores.

Da paisagem cultural à paisagem litorânea

Considerando a variedade das ocorrências geomorfológicas e paisagísticas, que se sucedem ao longo do litoral brasileiro, e com o propósito de oferecer uma visualização dos principais setores da costa, condizente com a realidade geográfica e com a beleza paisagística do litoral brasileiro, Ab'Saber (2001), traz ao público imagens das principais feições deste litoral. Sob o título *Litoral do Brasil*, o autor ressalta os aspectos geomorfológicos, paisagísticos e estéticos, identificando e valorizando culturalmente os recursos naturais do litoral, com o objetivo maior de discutir como a pressão antrópica atua sobre a vasta linha da costa brasileira.

Concordamos com Ab Saber (2001) quando se refere à questão conceitual sobre o Litoral: *“Existe, com certeza, uma verdadeira parafernália conceitual relacionada a faixa costeira. Trata-se de um domínio do planeta Terra em que se processa o contato entre o mar e o continente, em uma situação em que as terras expostas às vagas marinhas variam muito quanto à natureza das rochas, a altura do relevo e compartimentos da topografia, enquanto a dinâmica das águas costeiras prossegue em seu trabalho constante de abrasão e sedimentação, ainda que comportando diferenciações, desde os pólos aos trópicos e nas desembocaduras dos grandes rios. Além do que, os contatos desdobram-se até o espaço aéreo costeiro, pelo jogo de ventos e brisas que se alternam dia e noite, do mar para a terra e desta para o mar”* (pag.14).

Sobre os litorais tropicais, segue o autor:

“entre o efetivamente terrestre e o tipicamente marinho ocorrem múltiplos hidroecossistemas em lagunas, canais, estuários, “largos” e gamboas. Trata-se de uma delicada e estreita faixa entre mar e terra, exposta à movimentação quase permanente dos ares costeiros, amenizadores do calor tropical... onde a invasão diária da maré projeta a salinidade mínima para o suporte hidroecológico dos manguezais”(pag.21).

No presente trabalho, a paisagem do Litoral Sul, aquela observada em escala regional e que revela uma certa familiaridade paisagística, integra a sociedade e a natureza é referida como “faixa terra-mar”, onde ocorre o nível de base geral que, segundo Jatobá e Lins (1998), é tratado também como nível de base fundamental, que controla quase a totalidade dos processos erosivos dos rios, e não é imutável, mas se mantém mais ou menos estável, durante períodos prolongados. Do ponto de vista da

geomorfologia litorânea, há que se considerar ainda o fato de que o deslocamento da linha de costa, imposta pelas variações do nível de base geral, na faixa terra-mar, deixa nas áreas costeiras os seus registros, tais como as ocorrências de falésias mortas, terraços marinhos deslocados, praias elevadas, plataformas de abrasão, etc.

Isto posto, partimos do conceito de Paisagem Litorânea, entendida como a faixa terra - mar, cujos elementos são analisados a partir da relação entre a sociedade e a natureza, considerando-se os elementos significativos que se apresentam aos olhos dos pesquisadores, a partir da observação direta.

Ocupação & Ambiente

Nesta pesquisa, o trabalho cartográfico foi importante por permitir que, de forma prática, possa ser feita a leitura da realidade local, ressaltando o conhecimento da Paisagem Litorânea. Consideramos também que a representação cartográfica auxilia mentalmente e leva o usuário a atingir uma nova organização estrutural de sua atividade prática e de sua concepção do espaço. Além da elaboração do mapa, foram realizadas entrevistas com os residentes fixos da praia.

A paisagem litorânea da Praia de Jacarapé é marcada por dois compartimentos topográficos e geomorfológicos distintos: os baixos planaltos costeiros, também chamados de tabuleiros e a planície flúvio-marinha.

Os baixos planaltos costeiros ou tabuleiros se caracterizam como superfícies com topografia plana, com cotas locais de 20 metros. Onde essas formações mantêm contato direto com o mar formam a linha de falésias reconhecidas como falésias vivas. A planície flúvio-marinha se caracteriza por ocupar os terraços mais baixos, com cotas inferiores a 10 metros, estendendo-se desde o limite interno da Lagoa do Jacarapé, até onde se faz presente a influência das marés.

O estudo do uso e ocupação do ambiente na paisagem litorânea é realizado a partir da análise de segmentos identificados principalmente na planície flúvio-marinha: a barra, a praia rochosa e a praia arenosa. Cabe adiantar, que a ocupação humana é mais concentrada na faixa da barra, cujo ambiente, por sua vez, é mais atingido.

Barra de Jacarapé (segmento 1)

Fazendo parte da planície flúvio-marinha, este segmento é composto pela barra, que represa a laguna, e que é lavada na sua superfície durante as maiores marés, pela desembocadura do rio Jacarapé, que em determinados períodos do ano tem características de laguna, e por parte da vegetação de mangue, que coloniza a área.

O processo de ocupação na praia de Jacarapé vem ocorrendo com maior intensidade neste segmento há oito anos. Antes da intensificação da ocupação, impulsionada pela construção da rodovia PB-008, a praia era conhecida como um ponto de “desova” e, às vezes, cemitério clandestino.

Segundo Dona Luiza, moradora atual e residente fixa, a área era deserta:

“...Aqui era deserto, aqui mermo só tinha uma (barraca) do pescador, era seu Severino ele já morreu sabe...ele era pescador mermo...morava aqui numa palhoça, ele vivia aqui...aí foi quando eu vim que eu sempre acampeí lá no arraial...aí depois privaram a área que é da Poliutil (empresa), aí eu vim pra cá, fiquei lá na barreira mais era muito alto, aí eu sai andando aí descobri o Maceió. O Maceió não era assim não, era bem bonito, bem branquinho, bem limpinho, não era poluído, porque não tinha ninguém né!...

Em 1995, foram instalados, no local, mais dois barracos, pertencentes ao Ricardo, de 25 anos e à Dona Luiza, de 60 anos, ainda residente no local e que foi por nós entrevistada. A partir de então, a praia passou a ser mais freqüentada por banhistas de baixa renda à procura de lazer, impulsionando a expansão das instalações irregulares. Sobre esse fato, Dona Luiza assim se refere:

“...O pessoal vindo, começaram a vim, chegar, depois veio um senhor fez uma palhoça lá que Ricardo vendeu prá esse cidadão, aí ele fez, aí a minha desmancharam lá...abriu o Maceió quando o Maceió veio levou tudo...aí eu fiz nesse canto aqui, esse canto aqui eu fiz uns três ano e desmanchando porque eles pegavam e tiravam o que tava prá ninguém ficar porque aqui não tem sombra...ai quem vinha prá praia, como era que ia ficar sem sombra, né? Aí desmanchava que era prá poder agente ficar nas deles (barracas) mas como eu gosto de ficar no meu cantinho, aí eu fiz mais meu marido, aí desmanchou a casa que eu tinha e fiz com essas madeira antiga sabe...eles desmanchavam e queimavam pau e tudo... quando eu disse: agora eu vou finca o pé, e

vou ficar, aí quando eu fiquei eu digo agora eu vou butar um negocinho aqui, se aqui da prá um, da para dois, da prá três né?...aí depois decidi ficar, e quando eu fiquei ninguém mexeu mais...”

“...Aí foram fazeno, fazeno, fazeno,...seu Perilo é uma pessoa muito ocupada porque ele é engenheiro civil, ele vive aí direto...agente tá prá fazer associação né, ainda ele vai fazer reunião com o pessoal né, porque é mais na vila sabe, mais quem vive na vila é uma coisa e quem mora na praia é outra...”

No ano 2000 houve a instalação de energia elétrica no local e deu-se também a abertura de um poço, cuja água é utilizada apenas para fins indiretos, por não ser tratada.

... “ A Saelpa veio e colocou os postes botou energia...botou no dia 31 de Janeiro do ano passado (2002)... Aí agente se juntou aqui fizemo uma cota aqui e aí puxou com um poste de madeira...a gambiarra faz uns dois anos que agente fez...aí quando eles descobriram, aí agente achou até melhor né? Uma gambiarra coitada é muito fraquinha né?...as freezer não agüentava, aí tinha que comprar aqueles transformador e eu tenho dois transformador aí prá poder puxar prá segurar pelo menos uma geladeira, né, a geladeira não tinha nem condições de segurar...agora agente paga oitenta, cem, setenta...”

“...A água agente furou um poço...” “...então agente furou um poço lá em cima....quem furou foi um rapaz que morava aqui, aí foi simhora, aí cavou, aí agente juntou agora com um menino que mora aqui, aí afundou mais, aí compremo os cano, a bomba aí agora agente tá com água pelo meno prá lavar roupa, louça e tomar banho e cozinhar que a água é muito boa só num tá tratada... (Dona Luiza)

Os dados obtidos através da aplicação dos questionários, demonstram que a comunidade residente da Praia de Jacarapé, em relação à estrutura etária, é adulta, estando a maioria na faixa entre 51 e 60 anos, sendo representada por aposentados e desempregados, provenientes dos bairros populares adjacentes. Eles são, na maioria, antigos residentes do bairro do Rangel, que instalaram, irregularmente, comércios informais, visando alcançar uma melhoria no nível da qualidade de vida. No caso da praia de Jacarapé, esses comércios tem uma área de abrangência restrita.

As barracas não possuem piso, sendo o piso, a própria areia da praia, as paredes são de madeira e os tetos recobertos com lonas, palhas ou telhas de amianto e no geral

possuem três cômodos: quarto, sala e cozinha. Por não possuírem fossas sanitárias, banheiros e cozinhas são projetados para o mangue, onde os dejetos provenientes dos moradores e dos bares vão direto ao manguezal, que funciona como depósito de lixo, podendo-se observar garrafas, isopores, copos plásticos, sacos plásticos, latinhas e etc.

Poucos são os pescadores que moram em Jacarapé, permanecendo a maioria dos barracos desocupados durante a semana.

A barra, enquanto formação de relevo litorâneo sedimentar recente, muda o seu perfil durante o ano. Na época das maiores marés, que vão de janeiro a julho, o mar avança por entre as barracas atingindo o mangue. De acordo com o observado em campo, a localização das barracas pode, em parte, alterar a dinâmica do ambiente barra/mangue, à medida que funcionam como obstáculos artificiais que impedem a invasão da maré no mangue, que recebe também o lixo e é atingido pelo desmatamento, aterramento, instalação de banheiros ao ar livre, resultando na sua visível poluição e possível contaminação das águas.

Praia rochosa (segmento 2)

Linha de praia desenvolvida no sentido norte-sul, sendo local de avanço da linha de erosão, onde na praia ocorrem blocos rochosos desprendidos das falésias e plataformas de abrasão que emergem durante as marés baixas, sendo considerado, por isso, como um trecho inadequado ao banho de mar, frequentado apenas por pescadores.

Praia arenosa (segmento 3)

Faixa de praia arenosa, mais propícia ao banho por ser mais larga frente ao mar, sendo por isso frequentemente utilizada pelos banhistas.

Considerações finais

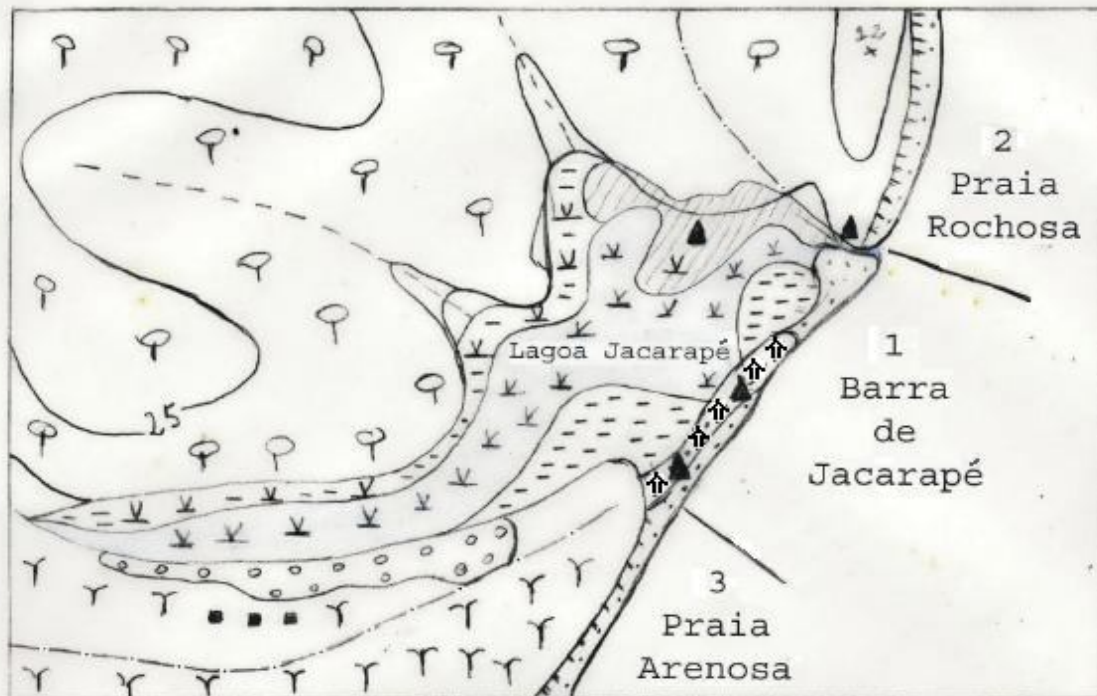
Atualmente, a situação de infra-estrutura implantada na Praia de Jacarapé é precária. Instalações irregulares se proliferam e já totalizam 36 barracas. Essa intensificação da ocupação muda a dinâmica da praia. O lazer, fator preponderante que caracteriza o viés atrativo local, com o aumento do desemprego no Município, passou a atrair instalações dirigidas para o funcionamento de bares, que tem como objetivo atender aos freqüentadores da praia. Com os bares, instalou-se, também, algumas residências fixas, que, por sua vez, vem atingindo a paisagem litorânea, em seus aspectos naturais e estéticos.

A ausência da ação de fiscalização do poder público sobre o uso do solo da linha de costa, por omissão, acaba por permitir o adensamento e o uso inadequado no local, a faixa de formação da barra, considerada como Área de Preservação Permanente (APP), e portanto protegida por lei.

Observa-se também que na faixa do litoral, de uma maneira geral, pobres e ricos ocupam áreas de preservação permanente. Os pobres, no entanto, buscando a sobrevivência e o lazer barato e os ricos, visando o lazer privado ou o lucro. Em Jacarapé predomina a ocupação dos pobres, vindos de bairros periféricos de João Pessoa como Mangabeira, Valentina, Rangel e Cristo.

A rápida intensificação do uso e da ocupação do solo na Praia de Jacarapé, requer também um rápido e adequado planejamento ao nível municipal, a partir da construção de uma infra-estrutura mínima que atenda a coletividade, mesmo sendo explorada por terceiros, visando assim a manutenção da estética da paisagem, a conservação dos recursos naturais e o atendimento da demanda pelo lazer de um só dia, que caracteriza a vida do lugar. A ocupação da praia para fins residenciais pode, num futuro próximo, comprometer aquela paisagem litorânea, sendo, portanto, inadequada.













PRAIA DE JACARAPÉ - LITORAL SUL - PB

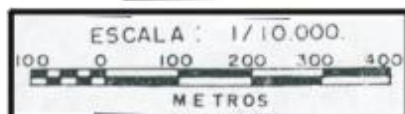


Fonte: NEPREMAR., *Projeto Lagunas. Estudo Integrado das Lagunas Costeiras do Estado da Paraíba*; Relatório Técnico Final. UFPB, João Pessoa - Paraíba, 1997.

CONVÊNIO INCRA/ESTADO DA PARAÍBA/SUDENE. Folha SB 25 Y C III I SE D. Escala 1:10.000. 1985

Legenda

	Rede de drenagem		Cultura de subsistência
	Áreas inundáveis		Cultura de coco
	Linha de falésia		Vias de acesso
	Curvas de nível		Casas de alvenaria
	Vegetação - mangue/juncal		Barracas precárias de madeira
	Mata úmida desmatada - Capoeira		Resíduos sólidos - lixo



Dados organizados: Elvis de A. Jácome
Orientação: M. Margarida M. Guimarães

Bibliografia

- Holzer, Werther. *A Geografia Humanista-Sua Trajetória de 1950-1990*. Rio de Janeiro:UFRJ,1992. (Dissertação de Mestrado -MIMEO)
- Groth, Paul and Bressi, Todd. *Understanding Ordinary Landscapes*. New Haven and London. Yale University Press, 1997.
- Hay, Ian. *Qualitative Research Methods in Human Geography*. UK, Oxford University Press, 2002.
- Santos; M.M.D. *O Uso do Mapa no Ensino Aprendizagem da Geografia*. Revista Geografia 16 (1):1-22. Rio Claro -SP,1991.
- Ab'Saber, Aziz Nacib. *Litoral do Brasil*. São Paulo: Editora Metalivros, 2001.
- Jatobá, Lucivânio. Lins, Rachel. *Introdução a Geomorfologia*. Editora Bagaço: Recife, PE: 1998.
- Carvalho, Maria. Gelza, R. F. *Estudo da Paraíba: Classificação Geomorfológica*. Ed. Universitária/UFPB, João Pessoa, 1982.
- Coutinho, Sandra M. Vidal. *Impactos Antrópicos nas Microbacias do Litoral Sul do Estado da Paraíba: Ênfase nos Aspectos Sócio-Ambientais e Características Estruturais do Mangue na Laguna de Camurupim*. Dissertação de Mestrado. UFPB/Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. João Pessoa - Paraíba, 1999. (MIMEO)
- NEPREMAR,. *Projeto Lagunas. Estudo Integrado das Lagunas Costeiras do Estado da Paraíba*; Relatório Técnico Final. UFPB, João Pessoa - Paraíba,1997.
- SUDEMA. Programa de Gerenciamento Costeiro do Estado da Paraíba - *Macrozoneamento Costeiro, Litoral Sul*. João Pessoa - Paraíba, 1996.
- Marques, Amanda Christinne N. Maia, Juliana Ochotorena. Jácome, Elvis *Relatório de Campo - Litoral Sul*. João Pessoa, Fevereiro de 2003. (MIMEO)
- CONVÊNIO INCRA/ESTADO DA PARAÍBA/SUDENE. Folha SB - 25 - Y - C - III - I - SE - D . Escala 1:10.000. 1985.